



## A CONSTITUIÇÃO DO VIAJANTE TRANSCULTURAL: UM ESTUDO DE FIGURA NA SOMBRA, DE ASSIS BRASIL

KLOCK, Ana Maria (Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE)<sup>1</sup>  
FIUZA, Adriana Aparecida de Figueiredo (Universidade Estadual do Oeste do  
Paraná-UNIOESTE)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho centra-se no estudo do romance *Figura na Sombra*, do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil sob o intento de, partindo da compreensão das produções híbridas de história e ficção como modalidade de releitura crítica do, tratar do resgate memorial da biografia do naturalista francês Aimé Bonpland, figura que permaneceu à margem dos registros históricos, mas que agora se renova através da ficção. Essa possibilidade de reler a história materializada na obra literária gera múltiplas visões sobre o tempo pretérito e dá personalidade, origem e voz a essa figura silenciada, apresentando-nos a possibilidade de conhecer o passado pelo viés do anônimo. Viajante e grande estudioso da fauna e da flora americana, Bonpland ficou relegado à sombra e ao esquecimento, assim como o título insinua, abandonando a sua terra natal para estabelecer-se em definitivo no extremo sul-americano, onde integrou-se aos costumes, à língua e à identidade local após um longo período de andanças e trânsitos por diferentes países latino-americanos. A narrativa flerta, portanto, com questões relativas à formação identitária, trânsitos, travessia de fronteiras e processos transculturais em que o sujeito durante a sua jornada se renova no contato, nas trocas e nas relações com diferentes culturas, evidenciando, assim, um fenômeno pungente em toda a América Latina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Viajante transcultural; fronteira; identidade.

**ABSTRACT:** The present paper focuses in the study of the novel *Figura na sombra* from the author, Luiz Antonio de Assis Brasil, in the intention to, beginning by the understanding of the hybrid productions of history and fiction as a critical reading mode, treat the memorial rescue of the biography of the french naturalist, Aimé Bonpland, a figure that remained on the edge of the historical records and that is now renewed by fiction. The possibility of rereading history materialized in a literary work creates multiples visions about the past time and gives personality,

origin and voice to this silenced figure, showing us the opportunity to know the past by the anonymous's bias. A traveler and a great research scholar of the American fauna and flora, Bonpland was relegated to shadow and oblivion, as the title implies, who abandoned his own homeland to establish permanently in the South American extreme where he joined to the local customs, language and identity after a long period of wanderings and transits by different Latin-American countries. Thus, the narrative flirt with questions related to the identity formation, transits, crossing borders and transcultural process in which the subject along his journey is renewed in touch, in changes and in relations with distinct cultures highlighting, thereby, a pungent phenomena throughout Latin America.

**KEYWORDS:** Transcultural traveler; border; identity.

## INTRODUÇÃO

A obra escolhida como *corpus* de análise deste trabalho *Figura na sombra* (2012), de Luiz Antonio de Assis Brasil, compõe o quarto e último volume da série *Visitantes ao Sul*, tetralogia composta por *O pintor de retratos* (2001), *A margem imóvel do rio* (2003), *Música perdida* (2006). Os títulos, que podem ser tomados separadamente sem qualquer prejuízo à leitura, debruçam-se sobre o mesmo tema: tratam da experiência de viajantes europeus e brasileiros oitocentistas pelo Brasil e pela América do Sul e as transformações que se operam nesses sujeitos a partir dos constantes trânsitos e deslocamentos. Com o tempo da diegese ambientado no século XIX, os viajantes são personagens históricos e ficcionais em marcha por diversos espaços geográficos e culturais em interação com o novo, o diferente e o exótico. Por flertarem com semelhante temática, as narrativas apresentam, sob diferentes ângulos, a construção e os conflitos identitários que vão se perfazendo ao longo da jornada de cada indivíduo. Nas três primeiras obras o desfecho decisivo ocorre na região sul, compreendendo o espaço do Rio Grande do Sul, sendo que em *Figura na Sombra* a perspectiva se amplia para agregar as fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Apesar da questão do estrangeiro e do viajante não figurarem como recentes na fortuna crítica do escritor gaúcho, o conjunto das obras reunidas sobre o título de *Visitantes ao Sul* chama a atenção pela forma como leva o leitor a se deparar com um universo conhecido tanto pelo veio literário quanto cultural e social, mas redefinido ao evocar a presença de personagens invisíveis ao discurso historiográfico e que se conectam ao paradigma do mundo moderno no que toca a circulação que marcam imigrantes, estrangeiros e exilados. O que chama a atenção nos volumes da tetralogia são as vivências e as experiências de personagens cujo ponto de intersecção nas narrativas se dá com a temática da viagem enquanto processo de deslocamento tanto

físico quanto espacial com efeito psicologizante. O deslocar para um local distante da sua origem, completamente diferente em termos culturais e linguísticos e a inserção em uma nova realidade que se abre a livre interação permite a constituição de uma identidade que concilia tanto o novo quanto o velho, ou seja, relaciona-se aos processos de transculturação.

Dentre as diversas possibilidades de estudo destas obras, este trabalho volta-se exclusivamente para tratar da publicação inédita de *Figura na sombra* atentando-se sobre a questão do viajante e das transformações que são geradas a partir da deambulação, ou seja, através da sublevação das fronteiras temporais e físicas, do caminhar e do deslocar-se que caracteriza o protagonista da obra, é possível observar como isso se coloca em diálogo com uma longa tradição literária ao mesmo tempo em que estabelece ligações diversas com o momento atual em razão dos constantes intercâmbios e trocas que caracterizam as sociedades humanas.

#### A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO TRANSCULTURAL

*Figura na sombra*, obra inédita publicada pelo escritor rio-grandense Luiz Antonio de Assis Brasil, ficcionaliza a biografia do médico e botânico francês Aimé Jacques Alexandre Goujard Bonpland (1773-1858), referenciado popularmente como Aimé Bonpland, e busca dar sentido à experiência dessa figura enigmática que deixou a Europa e as possibilidades de reconhecimento e fama para viver o resto da vida na província de Corrientes, Argentina, como um sujeito integrado aos costumes, às tradições e à cultura local. A narrativa, construída de forma linear e cronológica, é organizada em 73 capítulos enumerados e não muito extensos ricos na descrição dos espaços e dos estados psicológicos do protagonista, estando marcada, ainda, pela variação de um narrador em primeira pessoa que conta em primeiro plano a sua própria história e um narrador, Avé-Lallemant, este que, assim como nós, coloca-se como ouvinte da biografia e da trajetória do naturalista francês. Apresenta-se ainda um narrador em terceira pessoa que se manifesta nos quatro entreatos que cortam a narrativa de Bonpland e que atualiza a história com informações adjacentes sobre aspectos da cena, detalhes do diálogo e do cenário que compõe o momento, discurso este que se coloca sob um presente mais aproximado e não no passado longínquo que marcam os demais capítulos. Ademais, pela natureza metaficcional de *Figura na sombra* (2012), desencadeia-se na leitura da narrativa um repensar sobre a história e sobre a questão da memória e do esquecimento, relativizando a capacidade do discurso da história em retomar o passado dada as suas fragilidades, omissões e manipulações.

A intenção do romance, assim como insinua o título, é iluminar esta figura que ficou relegada à margem, à sombra e ao esquecimento e que, por condição análoga, compartilhou o mesmo destino daqueles com quem conviveu e com o espaço onde se integrou. Ao utilizar a sombra como recurso simbólico, o romancista emprega-a como uma metáfora para tratar das figuras desconhecidas que habitam o esquecimento, perdidas na memória e no tempo pretérito. Ironicamente, é esta figura marginalizada que é trazida para o centro da narrativa, ocupando lugar privilegiado, iluminada pela abordagem literária que resgata o que é mantido à parte. Tal feito busca dar visibilidade, voz e representação aos silenciados e emudecidos, inscrevendo, portanto, Bonpland como voz enunciativa da própria história, ação esta que, quando pensada sobre um texto que tanto agrega o histórico quanto o literário agregado às técnicas e recursos da metaficção, revela a intenção ampliar o olhar sobre o passado e de dar sentido renovado ao presente.

Tendo como referência alguns informes biográficos conhecidos e outros conjecturados pela imaginação do próprio romancista, a diegese mostra como Aimé Bonpland, em parceria com o amigo e companheiro Alexander von Humboldt, protagonizaram um considerável feito em sua época ao percorrer por cinco anos (1799-1804) cerca de dezesseis mil quilômetros pelo território americano – com exceção do Brasil – em um trabalho de coleta, classificação e catalogação de plantas, animais e acidentes geográficos desconhecidos e inéditos para a ciência da época. Tal feito deu amplo e duradouro reconhecimento ao companheiro de Bonpland, relegando este a um confuso desfecho que o teria motivado a escolher a América, precisamente a região sulina, como reduto para viver o resto da sua existência apesar das possibilidades de uma vantajosa carreira no Velho Mundo. Assim, condizente com o projeto de resgate memorial da obra, revela-se a biografia de Bonpland partindo desde a sua infância, passando pela adolescência, a formação em medicina, o interesse pela botânica, a amizade com Humboldt, a primeira viagem à América, o retorno à Europa, o trabalho desempenhado na corte de Napoleão e, por fim, o seu retorno definitivo ao Novo Mundo e as vivências que aí se deram.

Sob esta base histórica cujos informes podem ser encontrados nos parcos registros sobre a vida de Bonpland, muito do material disponível debruça-se sobre o tempo em que viveu na Europa, tendo pouco sobre o seu período na América, o que compreende a maior parte da sua vida e onde continuou a estudar e catalogar a flora nativa. Diante deste vazio que se interpõe na história do personagem, a presente narrativa aproveita-se justamente para se ocupar dos fatos e acontecimentos poucos conhecidos, ou seja, nas lacunas da história, material substancial à criação literária para desvendar o imaginário em torno desse sujeito no contato com a realidade

americana. Desse modo, servindo ao propósito de pensar em outras possibilidades de encarar este personagem e de ressignificá-lo pelo olhar do presente, a narrativa dá conta de explorar a experiência pessoal, subjetiva e psicológica de Bonpland colocando-se como uma oportunidade de visualizar tal personagem sob a perspectiva da ficção, permitindo, como personagem literário, justificar as próprias escolhas além de, também, reinsserir-se na memória. Tal texto coloca-se como uma herança à posteridade de Bonpland, mesmo que tardia e pelas malhas da ficção. Desse modo, *Figura na sombra* logra o efeito de inscrever o nome de Aimé Bonpland na memória e de torná-lo conhecido pela narrativa que ele próprio, como personagem, repassa ao visitante Avé-Lallemant, sendo este um efeito duplo, uma vez que nós, leitores da obra assisiana, que até então desconhecíamos tal personagem, passamos a conhecê-lo.

O romance alinha-se, portanto, às produções literárias que estabelecem uma relação entre o discurso histórico e o discurso literário no intuito de dar visibilidade às personalidades que permaneceram obscurecidas, esquecidas e silenciadas pelo discurso oficial vigente tratando, desse modo, em evocar a jornada do botânico francês sob um processo de constantes redescobertas e ressignificações, enfatizando perdas e aquisições no contato com diferentes realidades e espaços, mudanças estas que são exploradas através das alterações físicas, psicológicas e ideológicas que envolvem o personagem. Tal fenômeno ocorre à luz do conceito de transculturação viabilizado através da viagem que coloca o personagem em contato com a absorção, destruição e afirmação de uma nova identidade, efeito este que se explora através de uma composição contrastiva entre a forma de como o personagem se apresentava e de como passou a ser.

Como apontamos, transpassa na narrativa o tema da viagem, do sujeito em movimento, que se destaca já nas primeiras páginas, com o próprio caminho percorrido pelo visitante que ali se apresenta como personagem coadjuvante, Avé-Lallemant, pelo protagonista, Aimé Bonpland, estendendo-se, também, a experiência a outros personagens que não aparecem com tanta ênfase. O tratamento da temática da viagem em *Figura na sombra* alinha-se a tantas outras narrativas que retomam o tema e cujas representações são distintamente construídas, mas que evidenciam um aspecto comum: apontam a viagem como uma forma de autoconhecimento, ascensão filosófica e, acima de tudo, enriquecimento cultural pela possibilidade de contato com o outro, além do que se verifica no próprio plano imaginário em que se realizam redescobertas de si e do outro. Alinha-se também ao tema a complexa experiência cultural que se extraí e que concilia tanto interesses privados e comuns, responde ao imaginário e ao real, viabiliza o contato com o outro, rende a leitura de uma nova realidade e redimensiona a forma de entender o mundo.

Mesmo apesar da grande efervescência no século XVIII e XIX em torno desta questão, a viagem, o nomadismo, o deslocar são fenômenos que sempre estiveram presentes na história do homem independentemente do contexto, do período histórico ou das motivações, de modo que, no campo social, são muitas as causas e efeitos registrados que levaram os grupos humanos a saírem do seu espaço natural. Assim, desde a Antiguidade, passando pelo medievo com o *homo viator* até o Renascimento, o tema foi explorado sob diversos ângulos e atrelado a diferentes representações, não sendo diferente no contexto atual. Com este percurso, o que se busca apreender na obra literária aqui elegida é construção do personagem em trânsito que através da errância reelabora a própria identidade e se descobre na transgressão dos espaços. Nesse sentido, verifica-se que,

[...] a viagem é responsável pela formação cultural do mundo e da humanidade, por isso ela é consubstancial à história, à mitologia, à literatura. É, portanto, um dos arquetipos temáticos e simbólicos dos mais produtivos da literatura. Sempre renovável, lugar variável, oferece à literatura uma das suas grandes matérias-primas. (REMÉDIOS, 2004, p. 79).

Dada todas estas possibilidades para explorar o tema, a viagem evoca o transpassar, a deambulação, a passagem para além das fronteiras colocando-se como um locus apropriado para viabilizar mesclas culturais, linguísticas e étnicas. Tais relações, pautadas no intercâmbio, são claramente perceptíveis no espaço americano uma vez que o próprio conceito de transculturação foi cunhado para expressar o fenômeno dos entrecruzamentos culturais. Na obra *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*, Fernando Ortiz (1978) aplica o termo transculturação para abarcar certos fenômenos da sociedade, da cultura e da realidade cubana e que desse conta de explicar a dinâmica da formação local, originada nas variadas transmutações culturais pelas quais o país passou e que influenciaram diretamente na sua formação. Desse modo, o teórico cubano elege o termo *transculturación*

[...] para expresar los variadísimos fenómenos que se originan en Cuba por las complejíssimas transmutaciones de culturas que aquí se verifican, sin conocer las cuales es imposible entender la evolución del pueblo cubano, así en lo económico como en lo institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, lingüístico, psicológico, sexual y en los demás aspectos de su vida.<sup>3</sup> (ORTIZ, 1978, p. 93).

Tais processos são percebidos pelo teórico como pungentes em outros países da América Latina, uma vez que, salvo as particularidades, compartilham um entrosamento cultural semelhante ao vivenciado desde a época da conquista. Utilizado

como uma contra resposta à noção de aculturação, definição esta que caracterizava a “perda de uma cultura própria e a substituição pela do colonizador, sem possibilidade de voltar a expressar a tradição singular” (RAMA, 2001, p. 218), o termo transculturação se inclina a expressar o resultado do encontro e do diálogo entre diferentes culturas, contudo sem se limitar a ser um processo mecânico de trocas ou empréstimos, mas de mesclas. O resultado dessa integração é o aparecimento de um terceiro modelo, congregando a tensão e o impacto de *perdas, seleções, redescobertas e incorporações*, além de se colocar também, como assinala Cunha (2007, p. 128), “como um processo de resposta da cultura já instalada em Cuba ao contato com a do ocidental”. Tomar tal fenômeno repensado no espaço da fronteira mostra que se trata de um meio privilegiado que tanto viabiliza quanto testemunha a hibridez e a miscigenação, já que, consoante com o caráter duplo da transculturação, a fronteira também se apresenta como “ambivalente porque a fronteira é trânsito que comporta dois estados de ser, e ambíguo porque traz consigo uma promessa de superação no tempo, na possibilidade de ser um outro, um terceiro.” (PESAVENTO, 2002, p. 37).

Da sua representação como espaço geopolítico, definitório e limítrofe que separa e isola um espaço do outro, local que concentra conflitos, dominações, influências e poder, o sentido de fronteira hoje foi redimensionado para agregar diferentes percepções e assimilações, privilegiando-se a noção de meio integrador, zona de comunicação e intersecção cultural. Como apontam Chiappini e Scherer (2011, p. 01), a fronteira “trás consigo um imaginário fortemente arraigado a noção de território e territorialidade”, ou seja, associa-se ao espaço físico. Contudo, complementam que a análise atual agrega também a questão do imaginário apontando o caráter móvel e transcendente da fronteira em que a sua significação passa também pelo crivo da representação simbólica compreendendo a identidade, o autorreconhecimento e a noção de pertencimento. Como coloca Sandra Pesavento (2002),

Sabemos todos que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. Nesse sentido, são produtos desta capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. (PESAVENTO, 2002, p. 35).

A correlação de fronteira como marco simbólico evoca a noção de fronteira cultural, esta que ultrapassa a perspectiva unicamente física e espacial para agregar um conteúdo mais transcendente e plural, preocupado com manifestações heterogêneas

e multiculturais que se revelam através das ideias, gestos, comportamentos, ritos, representações, sentidos atribuídos. Em razão dessa não limitação, encerrada em um território de fronteiras alargadas e indefinidas, a fronteira cultural coloca-se aberta aos trânsitos, deslocamentos, nomadismos, intercâmbios, “que ultrapassa os próprios limites que fixa, [...] proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica.” (PESAVENTO, 2002, p. 37). Como espaço de troca, a fronteira viabiliza o surgimento de algo novo, pois é também ela mesmo “marco de referência identitária, conformando-se como produção de sentido que guia a percepção da realidade em face das construções imaginárias de referência ao definir princípios de reconhecimento que propõem um ‘nós’ com relação a um ‘outro’.” (CHIAPPINI; SCHERER, 2011).

Dentre outras possíveis acepções, a noção de fronteira firma-se entre outros conceitos que problematizam o espaço. Tendo como referência a noção de transculturação, Mary Louise Pratt (1999) lança uma nova tese sob o fenômeno explicando que pertence ao que ela denomina *zonas de contato*, sinônimo de *fronteira colonial*, *espaços sociais* em que diferentes culturas se encontram e onde diferentes sujeitos, colonizadores e colonizados, viajantes e visitados, estabelecem trocas e interações assimétricas de poder. Na acepção da autora, trata-se de “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” (PRATT, 1999, p. 27). Contudo, relaciona-se, também, a um espaço de encontros e intersecções, onde pessoas separadas geograficamente e historicamente entram em contato sob condições inusitadas gerando ou produzindo novas manifestações enriquecedoras.

Como espaço de ressignificação, percebemos que é na vivência na América, que se coloca como um refúgio, espaço de acolhimento e reencontro dos sujeitos onde ponderaram a própria existência e os conflitos pessoais, e nos constantes deslocar das fronteiras físicas e culturais que o protagonista de *Figura na sombra* sofre as suas principais transformações. Eleger a América como cenário da narrativa permite abordar a história por um ângulo inusitado, tratando da imagem deslocada do continente como polo, uma vez que, como representação, simboliza a periferia e a insubordinação frente ao centro, Europa, de modo que, na escolha do periférico como meio de contestação, a narrativa burla com o eurocentrismo e o centralismo.

Tais derivações e contrastes levam a perceber como a linguagem literária é capaz de viabilizar novas formas de conhecimento, percepção e apreensão da realidade. A compreensão da descentralização pode ser vista na forma como a obra se estruturar,



que na contestação da uniformidade e na homogeneidade dá lugar para pensar sobre o diferente e o heterogêneo. Sob este eixo transparece ao longo da narrativa um personagem de fronteira, híbrido, marcado pelos processos de transculturação, dividido entre o passado e o futuro, o centro e o marginal, a fidelidade a outrem e a si próprio, permanecendo sob esta constituição para abrir-se a possibilidade de escolha e identificação. A sua formação é viabilizada no e pelo contato com diferentes realidades culturais no continente, desencadeando através da viagem e dos constantes trânsitos um sujeito que assimila e integra novos elementos no contato com o *outro*, visto que, estabelecida esta interação, realiza-se o deslocamento e a modificação do sujeito. Para ilustrar tal composição, tomamos alguns trechos da obra que servem ao propósito da análise.

Na descrição da primeira viagem à América, o olhar que Bonpland deposita sobre a natureza local revela-se guiado pela visão e influência do companheiro de viagem, Alexander von Humboldt, cuja percepção estético científica da natureza sustentava o olhar sobre o mundo a partir de uma lógica iluminista, que subjuga o entendimento à interpretação humana e à visão racionalizada e sistematizada. Contudo, na medida em que vai convivendo com o espaço local a visão do personagem desprende-se de tal limitação, resultando em uma profunda transformação no que toca a forma de encarar, por si próprio, a realidade que o circunda. Estabelecida esta cisão, e que define como o traço mais significativo que distingue os dois companheiros, determina-se o caminho traçado por cada um, tal efeito se amplia na composição da obra e na construção do personagem.

O personagem aponta que pôde conhecer a natureza nos seus mais intrínsecos detalhes, mas o que chama a atenção é o fato de ter aceito o caos como a lei maior que tudo domina e rege, colocando-se, assim, livre da influência do antigo companheiro de viagem e detentor de um olhar próprio, “pela primeira vez Don Amado Bonpland vê essas plantas e animais sem a intermediação de ninguém. Pela primeira vez Don Amado Bonpland viaja sem a necessidade de comprovar nada.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 192). Considerando que a sua participação na jornada fora motivada justamente pela excitante possibilidade de estabelecer uma ordem sobre a confusão que regulava o sistema natural, enquadrando-o sob medidas, classificações, além de servir de ajudante e amigo de Humboldt, as marcas da viagem sobre o francês tiveram efeitos mais profundos, alterando não só a sua concepção de ciência, como também a sua própria constituição enquanto ser. Do mesmo modo, o personagem é colocado sob um jogo binário, alicerçado na fronteira do diálogo entre duas estruturas, duas formações, duas realidades, duas culturas, duas cosmovisões. Vemos assim que ao ser afastado do seu espaço de origem, consegue, dada a abertura

propiciada pela experiência na viagem, abrir-se a estas percepções subjetivas antes guiadas pela influência de Humboldt. Ao colocar-se sozinho na travessia, ele deu margem a transformação pelo contato com a cultura do outro e ensinou a sua nova constituição, embora sem deixar de ser Bonpland, o naturalista.

No *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*, Zilá Bernd (2007) toma dois personagens da tradição grega, Jasão e Ulisses, como arquétipos para caracterizar a deambulação e a viagem. Na aventura de Jasão, o herói reúne em Argos uma tripulação, os argonautas, e ruma em uma longa e perigosa viagem à distante Cólquida na expedição para conquistar o Velocino de Ouro, celebrando-se por tal feito. Como característica do perfil do herói, a viagem empreendida reveste-se de uma aura simbólica que representa o desejo de errância e da vagabundagem, que parte por partir e que vive desimpedido para criar laços naturais com um lugar específico, estando preso à perspectiva de um futuro glorioso e de conquistas. Ao contrário do que se registra, na aventura de Ulisses, que empreendera uma viagem de dez anos tentando voltar à Ítaca, o herói simboliza o desejo de retorno, marcado pelo enraizamento, pelo sentimento de fidelidade à pátria, afeição à família e nostalgia do passado, isto é, do tempo anterior à viagem. Assim, ao que importa para Jasão é a viagem de ida e para Ulisses a viagem de volta.

Com base no que lemos, Bonpland carrega a representação desses dois viajantes, inserido em uma viagem de ida e volta, de tentativas e fracassos, permanecendo em constante deslocamento, tal qual ao modelo de Jasão, embora sem a ambição de posses materiais, conquistas ou dominação, mas também com o desejo de retornar a terra elegida, no caso, não mais a Europa, seu berço natural, mas a América, associando-se ao modelo de Ulisses. Nesse espaço também revela-se a experiência tanto do trânsito constante como do exílio forçado, ficando impedido de se lançar a novas aventuras em decorrência da velhice. O herói da narrativa de Assis Brasil é errante, concilia duas realidades, duas lógicas, estabelece-se ora num lugar ora em outro, vive aventuras catárticas, sendo que no sublevar das fronteiras a partir dos incessantes deslocamentos em nível continental constitui-se como um novo indivíduo como vemos nos trechos,

Minha viagem com Humboldt foi errática, comandada pelas pestes, pela política, pela paixão, pela geografia, pela boa ou má disposição dos capitães dos navios. O gênio de Humboldt deu sentido a uma aventura dirigida pelo acaso. A viagem, para ele, foi um meio para comprovar sua teoria. Ele buscou a totalidade em meio à confusão dos seres. Ele morrerá com a certeza de havê-la encontrado. Quanto a mim, encontrei a solidão, a malária, o amor. Depois disso, encontrei o pesar, o remorso e, por fim, a

remissão e a sabedoria. E quanto mais vivo, mais constato que tudo é diverso, tudo é frágil, tudo é múltiplo e surpreendente. (ASSIS BRASIL, 2012, p. 19).

Na ocasião do retorno à Europa, o Velho Continente não se apresenta mais como o lar, o conhecido, indicando a instauração de uma cisão só percebida a partir do distanciamento. Não há uma redescoberta, não há um efeito catártico de autorrealização ou de assimilação com aquilo que já lhe era familiar e conhecido, tanto que ao final da primeira viagem o narrador atesta,

[...] ao pisar o solo, Aimé Bonpland teve a certeza de que não retornava para sempre. A América do Sul entrara em sua carne. O homem que partira para a viagem, há cinco anos, voltava com ilusões de malária. A malária, longe de ser um mal periódico, era o sinal da América, que não saíra de seu corpo. (ASSIS BRASIL, 2012, p. 108).

No trecho projeta-se uma forte analogia entre as marcas deixadas pela viagem na América e as marcas deixadas pela malária, como se fossem equivalentes em seus efeitos. Na obra, a voz enunciativa explica que “Aimé Bonpland passou a sentir intermitências de cansaço, dores de cabeça, náuseas.”, (ASSIS BRASIL, 2012, p. 74), sintomas comuns da moléstia que “estabelece uma alternância cruel entre a boa e a má saúde. Algo dentro do corpo se desenvolve, esconde-se e retorna quando a vítima se julga curada.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 74). A América, pelo mesmo modo, marcara-lhe os traços. Em visita a La Rochelle, sua cidade natal, o irmão faz uma censura em razão da sua mudança física, “recriminava Aimé por estar queimado pelo sol, como um selvagem. Perdera o refinamento francês.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 109), aspecto este que o descaracterizava como europeu. Assim, no contato com o outro lado, na borda, Bonpland colocou-se sob o signo da ambiguidade e da incerteza. A mudança física que se apresenta aos olhos do irmão é superficial e pouco nítida, pois a maior mudança é a que se deu na sua constituição como sujeito.

Sob este fenômeno que se constrói à luz do conceito de transculturação que ilustra não só experiência daquele que recebe uma cultura invasora, mas também daquele que se insere em um espaço diferente, o processo pelo qual constitui o personagem nos seus trânsitos e deslocamentos pela América passa a se manifestar sob diferentes formas, como nas mudanças físicas, psicológicas e ideológicas que se apresentam, como quando se considera “uma planta do Novo Mundo” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 17), não mais suportando os costumes da sociedade europeia, sendo um estrangeiro na sua própria terra natal e um estranho pelo sentimento de não pertencimento.

No retorno à América e que resultou na sua permanência definitiva, o que

motiva o personagem a viajar não é a curiosidade de quando jovem, os encantos de conhecer as particularidades da natureza ou a permanência por longos períodos em meio a selva, mas a necessidade buscar consolo, fugindo do sentimento de vazio e abandono que o dominam após a morte da Imperatriz Josefina para quem trabalhava como superintendente e a saturação do trabalho com o material coletado na viagem. Para tanto, como solução do conflito, atesta ser “um homem da América do Sul. Lá, ele esqueceria. Lá, dissolvido entre as árvores das florestas, ele seria outro. Seu pesar o impulsionava para fora, para lá, para a América do Sul, esse espaço sem remorsos.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 169). Como vimos, é comum à tetralogia *Visitantes ao Sul* o continente sul-americano colocar-se como um retiro, espaço de acolhimento e reencontro dos sujeitos, onde podem ressignificar e ponderar a própria existência e os conflitos pessoais. Contudo, tomando a trajetória ficcional de Bonpland, a América se colocou muito além dessa mera possibilidade de retomada de planos, pois tal noção se amplia considerando os diferentes territórios habitados por Bonpland, em destaque o Paraguai, a Argentina e o Brasil, e que também envolvem o pampa como palco. Ao contrário do que vemos nos primeiros capítulos da obra, na segunda viagem ao Novo Continente, em vez de embrenhar-se pelas densas matas como antes fazia, o seu interesse se volta para um produto em específico, a *yerba mate*. Em Buenos Aires, começa uma convivência íntima com a terra em que o personagem abre-se a possibilidade de se constituir e de entrelaçar-se à cultura local, sendo marcado pelos traços e costumes, que até não lhe eram próprios, e combinando-os a aspectos da sua antiga cultura, como a erudição intelectual da ciência.

No início da sua segunda jornada, Bonpland primeiro se estabelece em Buenos Aires, rumando na sequência para o Paraguai onde constituiu laços com uma nativa, Maria, com quem teve dois filhos, Maria e Amadito, marcando uma integração que não ficou limitada ao plano cultural, mas na relação direta com a parcela indígena. Tal entrelaçamento estendeu-se também ao domínio dos idiomas locais, o espanhol e o guarani, a adaptação ao modo de vida rústico e simples, a inserção nos costumes e transformação da sua relação com a natureza, passando de ser Aimé Bonpland para Don Amado. Nestas transformações exploradas na narrativa, evidencia-se, como apontamos, o perfil desse sujeito transculturado, pois revela-se sob os efeitos de absorção, destruição e afirmação de uma nova identidade a partir do contato com diferentes realidades.

Entre os anos de 1821 e 1831, Bonpland fora feito cativo pelo ditador José Gaspar Rodríguez de Francia y Velasco, impedindo-lhe a saída do país. Na obra, o ditador, comumente chamado de *Dr. Francia, El Supremo, Dictador Perpetuo del Paraguay, Carai Guaçu*, é integrado na obra como personagem, destituído da sua

aura imortal de herói histórico. Assim como perpassa na história, imputou contra Bonpland a acusação de ter cometido vários crimes contra o Paraguai, ao que na obra se constrói, “ocupou sem autorização uma terra que pertence histórica e etnicamente ao Paraguai. Pôs em perigo o monopólio da *yerba mate*. Aliou-se a índios hostis ao Paraguai.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 207-208). Francia adotou uma política de total isolamento do país em relação ao mundo, controlando todo o espaço geográfico e limitando a circulação de pessoas, e estabeleceu a produção e comércio da erva-mate como seu monopólio, “o bem nacional mais precioso, o que move o país, a fonte primordial de riquezas, a artéria por onde corre o sangue da força econômica: a *yerba*.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 202). Na obra, o narrador relata que Francia “fechou o Paraguai para o mundo, fortalecendo as fronteiras com índios armados. Odeia estrangeiros, e gosta de tê-los em prisões espalhadas pela geografia do seu país.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 201). Acreditava que atuavam como espíões enviados para bisbilhotar e dificultar o seu objetivo de tornar o Paraguai reconhecido internacionalmente como um país independente da metrópole espanhola.

Assim sendo, como no período as fronteiras não estavam estabelecidas, disputadas em constantes conflitos de usurpação e perda, o Paraguai lutava contra a Argentina pela posse de San Ignacio, na região de Misiones, onde estava localizada e estabelecida o espaço de cultivo do naturalista que desconhecia as limitações impostas pelo ditador. Ao conhecer a situação de Bonpland, Francia enviara tropas para trazê-lo cativo, destruindo a produção e a fazenda, mantendo também sob jugo os nativos que trabalhavam no local. Permaneceu encarcerado por quase dez anos na extinta vila de *El Cerrito*, impedido de deixar o país sob pena de execução. O caso do naturalista fora o mais extremo registrado, gerando a indignação de inúmeras figuras da época, “Simón Bolívar, mais o Rei da Prússia, o Imperador do Brasil, o Presidente da Academia Francesa, Alexander von Humboldt, o Presidente dos Estados Unidos e mais uma legião de cientistas, doutores de universidades, escritores, filósofos.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 214), incluindo também uma tentativa de intervenção do próprio Papa. Contudo, apesar da comoção, viveu no Paraguai onde organizou a sua “propriedade”, cultivou, plantou, teve filhos e prestava atendimento a população local como médico, “o Doutor Francia me concedeu a liberdade de me estabelecer, praticar a medicina e plantar o que quisesse, mesmo a minha querida *yerba*.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 201), ao que também repete alegando que “com a liberdade que lhe deram, de dar consultas, plantar *yerba* e criar gado, começa a sentir-se um homem do lugar” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 223).

Nestes fragmentos evidencia-se a liberdade de poder continuar a realizar as suas atividades de maior interesse, mesmo estando impedido de deixar o território.

No encarceramento, privado dos livros e de qualquer acesso à cultura letrada realizam-se novos processos de transculturação. O personagem alega que,

Na verdade, o doutor Francia, mantendo-me preso, me liberta da civilização. Passei a chamar as plantas apenas por seus nomes seculares. Isso foi um grande bem. Caraguatá, Yvoty, Jarakaxi. Esses nomes não passam pelos compêndios. Sem meus livros e com a memória desgastada pelo isolamento, eu me esqueço dos seus nomes latinos, mesmo daqueles nomes que eu lhes dei. Quero me lembrar e não consigo. (ASSIS BRASIL, 2012, p. 210).

No distanciamento da tradição erudita, o personagem foi novamente transformado pela convivência forçada com a cultura local. Desprende-se da necessidade de classificar, de se referir com nomes estranhos a plantas locais e de propriedades conhecidas, passando a estabelecer uma relação direta e natural com tais elementos ao utilizar-lhes as qualidades para tratar e não para registrar em um livro. Ao ser desterritorializado do seu espaço comum, vê-se diante de um novo conflito que ao invés de sufocá-lo acaba por ampliar a perspectiva sobre aquilo que faz e como faz tendo que negociar e ressignificar tal transgressão. Como resultado, as transformações que influem no personagem se dão sob diferentes graus. O entendimento e a forma de lidar com a botânica muda, embora não radicalmente, “ali estavam os nomes das plantas, em espanhol e latim.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 176). O personagem não se coloca mais para estudá-las unicamente para no intuito de descobrir as suas particularidades e características anexando-as em livros para então se perder-se na memória entre tantas outras, “minhas reais descobertas são aquelas que podem ajudar as pessoas a viverem melhor, tanto do espírito como do corpo. Essa é uma forma bela de viver.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 211).

Esta postura, trecho que se transcreve no entreato III, ou seja, traz a perspectiva de Bonpland em um tempo distante do passado remoto, contrasta com o Bonpland do início da narrativa. A forma de pensar do personagem na narrativa da primeira viagem ao continente revela, a princípio, o perfil de um pesquisador interessado em esmiuçar a natureza, influenciado pela perspectiva científica do companheiro alemão. Encantara-se pela natureza e a sua complexidade biológica levando consigo uma grande experiência, inúmeras e curiosas amostras de plantas, minerais, insetos, pequenos mamíferos, além de páginas e páginas de descrições e classificações inéditas à ciência europeia. Apesar de motivado pelo amigo, começa a apontar interesses díspares e uma mudança de mentalidade quanto à forma de abordar toda aquela diversidade vegetal que se apresentava aos olhos dos dois. O personagem explica que,

[...] atribuir nomes às coisas e classificá-las é a maneira infantil de tentar a dominação da Natureza. Ah, Humboldt... ele permanece um organizador. Eu, eu fui atraído por aquilo que ele chamava de superstição. As diferenças entre nós são sempre assim: passam pelo fio das incertezas, e isso ficou nítido na viagem. (ASSIS BRASIL, 2012, p. 69).

Pesa sobre a formação cultural e intelectual de Humboldt a tradição romântica do século XIX que o influenciou na sua percepção estético científica da natureza, orientando-o a construir uma visão que tomasse o entendimento do mundo sob uma lógica objetiva subjugada à interpretação humana e ao entendimento racionalizado e extrativo, mas com forte apelo estético, como se vê no seguinte trecho, “sou apaixonado pela simetria. Mas amarei a Natureza quando comprovar que ela é regular como uma máquina. - Sorriu: - Sou um homem das Luzes, mas também leio Goethe e Schiller. Em suma: ciência e estética.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 49). Tal convicção se manteria em Humboldt, contudo, em Bonpland, o modelo não lograria êxito como aponta na obra, “Humboldt ensinara-o a observar e descrever a Natureza. Agora, Don Amado Bonpland iria fundir-se nela” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 189), estabelecendo um contraste como veremos também na sequência.

Silvia Cárcamo e Ary Pimentel (2007) ao caracterizarem as diferentes concepções do termo sul e da oposição entre Norte/Sul no imaginário latino-americano, apontam que não se trata apenas de conceitos geográficos ou pontos cardeais, estando agora ressignificados para compreender questões ideológicas, como a oposição e embate entre países e regiões centrais e periféricas. Como exemplo, “o norte passa a ser sinônimo de um modelo de civilização e a referência que deveria orientar o processo de desenvolvimento de outros países.” (CÁRCAMO, PIMENTEL, 2007, p. 615), sendo, assim, um discurso que se revestiu de autoridade e que foi aceito, imputando a ideia de que o sul seria configurado por uma imagem de bárbaro, selvagem, atrasado, além de estar vinculado “à periferia, à dependência, à pobreza, à carência, ao atraso.” (CÁRCAMO, PIMENTEL, 2007, p. 615).

Tomando tal binarismo para ilustrar como se correlaciona o contraste Europa/América em *Figura na sombra*, percebemos que a oposição é constante quando observamos os exemplos anteriormente apresentados sobre o jogo de luz e sombra, a oposição entre o claro e o escuro, a dualidade do conhecido e o do desconhecido, a civilização e a barbárie, a selva e o urbano, o que habita a memória e o outro o esquecimento, o que vive no centro e o que fica relegado ao marginal, o contraste entre racional e o imaginário, entre o conhecimento científico e o conhecimento popular, entre o natural e o artificial. Além, o que se coloca com destaque é a forma

como Bonpland e Humboldt divergem ao encarar a natureza, um que sustenta uma visão simétrica e condicionada e o outro que a encara como vivacidade e complacência; sem contar, também, na maneira como ambos se comportavam, “o mais velho falava, e o mais novo, o moreno, concordava.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 51), ou seja, uma postura de obediência; ou então nas próprias transformações físicas que se operaram de modo mais substancial em Bonpland “a pele de Aimé Bonpland tornou-se mais escura, e a de Humboldt, vermelha como o rubor da vergonha” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 63) e inclusive nas formas de tratamento dadas a cada um “as autoridades, entretanto, permitiram apenas que Humboldt usasse a carruagem. Aimé Bonpland seguiu atrás, numa viatura que levava os funcionários do arcebispo.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 91), como se não tivesse a mesma importância apesar das realizações em conjunto.

Apesar dos esforços do personagem em tentar perceber que a natureza se constituía como uma grande unidade e que “se demonstrada, daria uma razão a seu trabalho. Isso poderia tirá-lo da condenação.” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 44), tal projeto apenas se mostrou como uma grande falha. Ao se colocar na zona de contato oportunizando trocas com o modelo cultural local, Bonpland se ‘contamina’ com uma maneira completamente diversa de se perceber a natureza, principalmente quando comparada à perspectiva do amigo. A América coloca-se, assim, por um lugar de reconhecimento da diversidade, um espaço aberto à relação, relação esta que Bonpland estabeleceu em todos os sentidos.

Nessa constante travessia de fronteiras e regiões limítrofes, em que Bonpland parte de uma margem a outra para distanciar-se e recompor-se, há perdas, transfigurações e reterritorializações, procedimentos que o levam o personagem a integrar-se ao espaço geográfico e cultural e que contribui na construção da sua identidade, inserida nesse espaço de tensão. Ao tratar da viagem do personagem tanto no plano intercontinental como continental, estabelecendo um diálogo entre história e ficção para dar sentido à experiência deste sujeito histórico, percebemos que as mudanças que se operaram no personagem em contato com o continente americano engendraram mudanças de pensamento e uma nova forma de se encarar como sujeito nessa realidade destoante. Como destaca Bernd (2007), tratar do tema da viagem na literatura das Américas evoca questões relacionadas à busca e negação da identidade, bem como a noção de que é na travessia, e não na partida ou na chegada, que o indivíduo encontra respostas para as suas dúvidas ou para os embates existenciais, ficando marcado pela autodescoberta e pela autodefinição nessa abertura ao mundo e a culturas diferentes. Outra relação que marcará a oposição entre estes dois personagens é o espaço que ocupam. Humboldt nunca mais retornaria à América;



Bonpland mantém a mesma postura, encerrando qualquer possibilidade de retorno à Europa. Essa questão denota muito mais do que uma simples decisão de apego ao local, ela evoca um sentido mais amplo considerando as diferenças de perfil e pensar que caracterizam cada personagem e que, por extensão, simbolizam a própria forma como América e Europa podem ser lidas e se relacionam nos seus espaços de transgressão.

Ao envolver a dinâmica de subordinação e resistência, mas também de relações recíprocas, de uma resposta cultural à outra, de um processo contínuo e constante que se dá em duas vias, em determinados espaços tais como o exemplo da fronteira, tanto geográfica como espacial, Bonpland coloca-se como um personagem que foi arrebatado pelo processo de transculturação conciliando a sua herança histórico-cultural com os efeitos e influências do espaço em que veio a se estabelecer. Ele concilia elementos dispares, abandona antigas perspectivas e ideias e se abre para adotar um novo mundo, transformando a si mesmo e a realidade aonde vive, assim como o sujeito transculturado, situado “entre (pelo menos) dois mundos, duas culturas, duas línguas e duas definições da subjetividade, realizando vaivéns constantes entre elas.” (BERND, 2003, p. 23). Tomando a percepção atual de fronteira como descontinuidade, demarcando uma identificação mais simbólica, identitária e imaginária, tal espaço coloca-se como uma zona aberta a circulação, ao entendimento e assimilação de diferentes componentes, pois são zonas de contato e confronto.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, com área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Graduação em Letras Portugêses/Inglês e Respectivas Literaturas (2013) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Cascavel-PR. Graduação em História (2011) pela Universidade Paranaense UNIPAR, Campus de Cascavel-PR. Integrante do Grupo de Pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura. Bolsista CAPES.
- <sup>2</sup> Professora adjunta da área de Espanhol do curso de Licenciatura em Letras e do Programa em Pós-Graduação em Letras - Linguagem e Sociedade - da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- <sup>3</sup> Tradução nossa: [...] para expressar os variadíssimos fenômenos que se originam em Cuba pelas complexíssimas transmutações das culturas que aqui se verificam, que sem conhecê-las é impossível entender a evolução do povo cubano, assim como no modelo econômico como no institucional, jurídico, ético, religioso, artístico, linguístico, psicológico, sexual e nos demais aspectos da vida. (ORTIZ, 1978, p. 93).

## REFERÊNCIAS

- ASSIS BRASIL, L. A. de. *Figura na sombra*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- BERND, Z. Os deslocamentos conceituais da transculturação. In: BERND, Z. *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- BERND, Z. Viajante (migrações do mito de Jasão nas Américas). In: BERND, Z. *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 671-674.
- BERND, Z. Viajante (deslocamentos do mito de Ulisses nas Américas). In: BERND, Z. *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 675-679.
- CÁRCAMO, S. I.; PIMENTEL, A. Sul. In: BERND, Z. *Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 615-622.
- CHIAPPINI, C. G.; SCHERER JR, C. Fronteiras culturais: algumas considerações sobre o tema. *Revista Eletrônica Celpcyro*, Porto Alegre, 05 mai. 2011. Disponível em: <[http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&Itemid=0&id=889](http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=889)>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- CUNHA, R. B. *Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.
- ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.
- PESAVENTO, S. J. Além das fronteiras. In: MARTINS, M. H. (Org.) *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- PRATT, M. L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- RAMA, A. *Transculturação narrativa em América Latina*. Mexico: Siglo XXI, 2004.
- REMÉDIOS, M. L. R. A viagem, a memória e a história. In: ZILBERMAN, R.; BERND, Z. (orgs.) *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2004. p. 79-98.